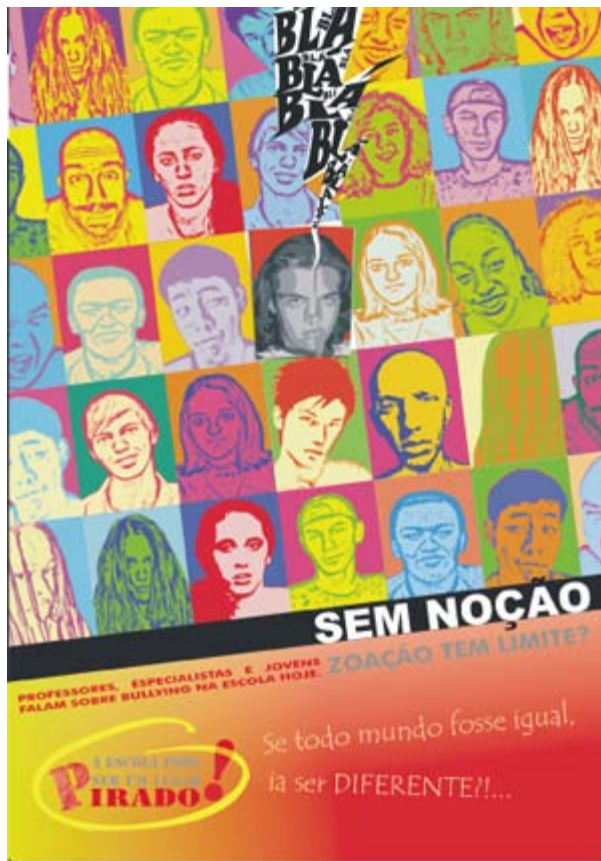


* Resenha

Sem Noção: zoação tem limite?



Rosinalva Alves de Souza

Pesquisadora / Labicites

ESTRATÉGIA DE INFORMAÇÃO EM SAÚDE MENTAL: PRODUÇÃO DE VÍDEO DOCUMENTÁRIO SOBRE BULLYING

rsouza@icict.fiocruz.br

DOI: 10.3395/receis.v5i1.453pt

Sinopse

O termo *bullying* é usualmente descrito como ato de agressão física ou psicológica, intencional e repetida, praticado geralmente por um indivíduo ou um grupo, com o objetivo de intimidar, humilhar, perseguir e atormentar seus pares. O vídeo em questão aborda o fenômeno *bullying* no universo escolar, no qual adolescentes, especialistas e educadores compõem um painel, através de suas falas, sobre o tema nos dias de hoje. Jovens falam o que pensam e sentem sobre o assunto e relatam suas experiências sob a ótica de quem sofre e de quem pratica *bullying*.

Ficha Técnica

Direção e roteiro: coletiva

Duração: 15 minutos

Realização: Faperj / Icict / Fiocruz

Ano de Produção: 2009

Recentemente, uma imagem correu o mundo na Internet e, rapidamente, se transformou em manchete nas principais de redes de TV. Gravada em um celular e postada no Youtube, mostra, numa escola australiana, a reação de uma vítima de *bullying* revidando o seu agressor. Richard Gale, de 12 anos, garoto magrinho, de aparência esquelética, de fragilidade mirrada, agride a socos outro garoto, Casey Heynes, de 16 anos, fisicamente muito maior, e que, ao longo dos anos, se diz alvo de constantes agressões na escola, por ser gordinho. Cansado de sofrer agressões desde os 8 anos de

idade, resolveu reagir de uma forma assustadora: levantando o seu agressor e atirando-o ao chão, como se fosse parti-lo ao meio. A imagem impacta pela violência. Após a divulgação dessas imagens na rede mundial, os dois jovens foram entrevistados por uma TV australiana, quando ambos contaram suas versões do episódio. Casey Heynes – a vítima - atraiu a simpatia e empatia das milhões de pessoas que acessaram o vídeo no Youtube, se tornando uma espécie de “herói” para aqueles que nunca conseguiram esboçar reação alguma ante seus agressores. Heynes vem sendo ovacionado pelo feito, enquanto Gale está sendo visto como um grande vilão. O que não tornará sua vida nada fácil a partir de então.

O termo *bullying*, palavra de origem inglesa para a qual não há uma tradução em português, usualmente é descrito como ato de agressão física ou psicológica, intencional e repetida, praticado geralmente por um indivíduo ou um grupo, com o objetivo de intimidar, humilhar, perseguir e atormentar suas potenciais vítimas, com atitudes violentas que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outros, causando dor e angústia, e executados dentro de uma relação desigual de poder. Essa prática vem alcançando outras proporções, tornando-se cada vez mais violenta e ocupando outra modalidade de espaço: o ambiente virtual, conhecido como *cyberbullying*, praticado em *blogs* e sites de relacionamentos, onde o autor e/ou autores dirigem aos seus “alvos” insultos, ataques morais, ameaças físicas, rumores negativos e toda ordem de violência nesse contexto.

Pesquisa recente do IBGE revela que cerca de 30% de estudantes já sofreram alguma forma de *bullying*. Fenômeno relativamente recente, as notícias sobre *bullying* têm visitado com uma certa frequência as pautas televisivas, atraindo a atenção e despertando o interesse de educadores, pais e especialistas. Entretanto, o fato de estar na pauta do dia, infelizmente não tem significado que soluções venham sendo criadas para um combate efetivo ao *bullying*, sequer um debate público sobre o tema vem sendo cogitado. O que se vê são medidas pontuais para situações pontuais.

O programa Fantástico, da Rede Globo de Televisão, em sua edição do dia 27/03/2011 exibiu uma matéria a partir do episódio dos dois adolescentes da Austrália, promovendo um debate com alguns “especialistas” e abrindo, desta vez, um canal para que as pessoas, por telefone ou Internet, relatasse alguma experiência sofrida de *bullying*. Choveram ligações: foram mais de 200 registradas num curto espaço de tempo, e uma chamou a atenção por ser de um agressor, se identificando hoje com 47 anos de idade, pedindo desculpas a todos aqueles a quem perseguiu, humilhou, agrediu. E o assunto encerrou por aí mesmo..

Para além de reportagens e abordagem do assunto nos veículos de comunicação, que ocorrem quando um evento similar a esse da escola australiana acontece, existem pesquisas que se debruçam seriamente sobre o tema dando a devida atenção ao assunto. Um desses exemplos é o *Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes*, também conhecido como *Programa Bullying*, pesquisa coordenada pelo pediatra Aramis Lopes Neto, da Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência - Abrapia, e realizada em 2002, com financiamento da Petrobras. Segundo Aramis Lopes, o programa desenvolveu algumas pesquisas em escolas do município do Rio de Janeiro e ajudou a divulgar mais amplamente deste assunto antigo e bastante conhecido, mas pouco debatido e enfrentado.

Outra pesquisa, fruto de um projeto financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - Faperj, em parceria com o Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde - ICICT, da Fundação Oswaldo Cruz, se debruçou sobre o assunto, elegendo o adolescente no âmbito escolar como foco para a elaboração de uma estratégia de informação em saúde mental. Partiu-se do princípio de que a literatura especializada registra que muitos dos jovens que sofrem *bullying* acabam desenvolvendo problemas psíquicos, em alguns casos irreversíveis, resultando algumas vezes em suicídio da vítima ou homicídio do agressor.

Para ilustrar essa afirmativa, basta lembrar os massacres ocorridos no Instituto Columbine, no Estado do Colorado, em 1999, onde dois alunos abriram fogo contra colegas e professores, matando 12 pessoas. Em outro evento da mesma natureza, ocorrido em 2007 em uma Universidade da Virgínia, um estudante sul coreano de 23 anos, do curso de Letras, armado até os dentes, matou 33 pessoas entre estudantes, professores e funcionários da universidade. Ambos os casos de grande impacto ocorreram nos Estados Unidos e os autores dos massacres cometeram suicídio após os ataques. Os relatos dão conta de que, nos dois eventos, os protagonistas dos ataques foram vítimas sistemáticas de *bullying* por parte dos colegas.

Concluído em 2009, o projeto de pesquisa acima mencionado intitulado *Rompendo o silêncio – Competência (literacy) em Saúde Mental* reuniu um grupo de pesquisadores de perfis variados comprometidos com o tema, especialmente por suas práticas de trabalho, o que conferiu caráter transdisciplinar à pesquisa, sendo coordenado pela pesquisadora Maria Cristina Guimarães, do

Uma das propostas dessa pesquisa versou sobre a realização de um documentário, no qual vários atores envolvidos - adolescentes, especialistas e educadores - compõem através de suas falas um painel sobre o tema no ambiente escolar nos dias de hoje. Jovens falam o que pensam e sentem sobre essa prática cruel e relatam suas experiências sob a ótica tanto de quem sofre como de quem pratica o *bullying*.

O caminho metodológico percorrido até se chegar ao tema *bullying* passou por várias etapas, especialmente pelo caráter transdisciplinar do projeto e pelo perfil multidisciplinar da equipe então formada, que acolhia pesquisadores de diferentes linhas: cientistas da informação, médicos- psicoterapeutas, pesquisadores em saúde pública, comunicadores sociais, cineastas, publicitários e profissionais especializados na produção de vídeos em saúde. Assim, as discussões que guiaram a escolha do transtorno mental tiveram início na primeira reunião da equipe do projeto. Pela primeira vez, e introduzido por um dos médicos- psicoterapeutas, surgiu o conceito *bullying*. Segundo o especialista, que possui uma atuação ativa na clínica, especialmente com o atendimento privado e individual a adolescentes, esse era um tema ainda não acolhido na saúde pública. O método adotado foi a sistemática realização de grupos focais temáticos com educadores, profissionais de saúde que trabalham com adolescentes, vítimas de *bullying*, especialistas que tratam do tema, e, por fim, um grupo de adolescentes, visando a discutir a questão sob diferentes ângulos e perspectivas.

A opção pelo audiovisual como mídia de divulgação da informação deu-se em função de pesquisas qualitativas na área apontarem essa ferramenta como uma das estratégias de comunicação mais efetivas, além de apresentar uma melhor relação custo/benefício. No que diz respeito aos públicos, os pesquisadores apontam que aqueles dirigidos aos adolescentes em ambiente escolar despontam como os mais efetivos para a aquisição de informação e mudança de comportamento em relação aos transtornos mentais, e registram ainda que as mudanças de percepção dão indícios de ser mais efetiva e durável quanto à produção e compreensão de conteúdos. Portanto, a proposta é transformar o vídeo não apenas num veículo de educação, mas num instrumento de dialética audiovisual.

A construção do roteiro teve como proposta narrativa contemplar todos os atores que integraram o processo da pesquisa, primando pelo recorte da saúde mental. Estruturado em três blocos e considerando aspectos como "intencionalidade", "repetição" e "desequilíbrio de poder", o primeiro bloco apresenta adultos que sofreram *bullying* na adolescência e as consequências psicológicas do evento na vida adulta. No segundo, os adolescentes falam sobre o fenômeno e sua relação com essa prática no ambiente escolar, tendo suas falas intercaladas pela fala de educadores e especialistas. O último bloco é protagonizado essencialmente pelos adolescentes que enfatizam a importância da família e dos amigos como forma de superação.

A questão da saúde mental permeia parte do discurso dos atores envolvidos, com exceção do último bloco, onde se busca passar uma mensagem de solidariedade através do conceito da cultura de paz, debatido no grupo focal de educadores. Outro desafio, devidamente superado, foi ajustar a pesquisa à linguagem de comunicação da mídia vídeo, para que pudesse ser inteligível e atraente para um público diferenciado, com uma linguagem acessível e ágil, atentando para aspectos tais como: sinalizar que a complexidade dos processos relacionais pode, na escola, eventualmente, assumir uma gravidade com riscos para a saúde física e mental; sinalizar o caráter transdisciplinar da temática; sinalizar para os aspectos que permitem identificar o *bullying*, e atitudes pessoais/ de grupo para resistir/ evitar-lhe a exposição (caráter preventivo); sinalizar para as saídas disponíveis na rede pública (em unidades de clínica/internação, como hospitais, e de cuidado ampliado e permanente, como os Centros de Atendimento Psicossocial).

Basicamente o vídeo se propôs a dar uma visão geral do fenômeno e de suas implicações, preocupando-se em não emitir julgamentos sobre as atitudes/saídas encontradas pelos sujeitos protagonistas, mas apresentá-las à apreciação do espectador, para que conheça o caráter multifacetado do fenômeno. O conceito e seus protagonistas na escola são apresentados em linguagem simples, clara, pela fala destes e de especialistas na temática, construindo uma peça leve, objetiva mas não superficial. Mostra-se que o fenômeno é atual e recorrente, pode trazer consequências sérias para a saúde mental e física, mas que há maneiras de minimizá-lo, tratá-lo e preveni-lo, inclusive via rede pública de cuidado.